

Gastos públicos que travam o crescimento

Carga tributária elevada e baixa expansão econômica dominaram debate sobre livro "Crônicas da convergência"

06.09.06

Luciana Rodrigues

• Os gastos públicos crescentes e a pesada carga tributária do Brasil explicam, em última instância, o baixo crescimento econômico do país nos últimos anos. Este foi o consenso que dominou o debate sobre o livro "Crônicas da convergência" (Topbooks), de autoria do ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, na noite de anteontem, no auditório do GLOBO. Ao lado de Franco, o também economista Fabio Giambiagi e o jornalista Guilherme Fiúza discutiram os temas abordados no livro e responderam a perguntas do público, sob a mediação do colunista do GLOBO Merval Pereira.

Franco destacou que cabe ao setor privado brasileiro garantir o crescimento da economia,

frente à incapacidade financeira do setor público para investir. Ele lembrou que, no auge do milagre econômico do país, na década de 70, o governo fazia investimentos da ordem de 2% do PIB (Produto Interno Bruto, conjunto de todas as riquezas geradas pelo país ao longo de um ano). É exatamente o mesmo patamar de hoje.

Para Franco, é preciso fomentar em vez de tributar

Ou seja, o setor privado é responsável por praticamente todo o investimento feito no país, hoje em torno de 20% do PIB. O desafio, afirma Franco, é elevar esse montante:

— É preciso fazer políticas públicas e de regulação a favor das empresas e não com um intuito extrativista lusitano, no sentido colonial, de tratar as

empresas com propósito de tributá-las e não de fomentá-las.

O economista Fabio Giambiagi, por sua vez, apresentou números que mostram um crescimento de quase dez pontos percentuais do PIB nos gastos primários do governo. Em 1991, esses gastos — que incluem transferências a estados e municípios, pagamento de pessoal, benefícios do INSS e outros programas sociais — respondiam por 13,7% do PIB. No ano passado, alcançaram o patamar de 22,6% do PIB.

— O Brasil constituiu uma rede de proteção social que tem poucos paralelos em países emergentes, mas que está inequivocamente associada à explicação de por que o país cresce pouco — disse Giambiagi, que é economista do Instituto de Pesquisa Econô-

mica Aplicada (Ipea).

Para ele, a saída é reduzir os gastos com a previdência, que eram 3,4% do PIB em 1991 e, hoje, são 7,6% do PIB.

O jornalista Guilherme Fiúza, que escreveu o livro "3.000 dias no bunker", sobre os bastidores do Plano Real, chamou a atenção para a ausência desses temas no debate público, sobretudo às vésperas das eleições presidenciais:

— Todos os estudiosos estão observando que esse é um grande tema: aumento de gastos públicos, que determina aumento de carga tributária e dificuldade de crescimento. Seria um grande tema nesse período pré-eleitoral, mas não está no centro do debate. A minha grande angústia e frustração é saber: onde está a opinião pública? ■



André Teije

GUSTAVO FRANCO: desafio é estimular os investimentos privados